

A notícia em mãos – uma possibilidade de uso de smartphones no cotidiano escolar

A existência do celular nos espaços escolares é uma realidade. Atualmente o usamos para nos comunicarmos, pagarmos contas, nos distrairmos com jogos, fazermos anotações e cálculos, o que torna sua presença inevitável e essencial, até. Quando se trata de adolescentes é fato que ele estará ali, cabendo ao professor as possibilidades de uso para a prática das aulas.

Em uma oficina de Comunicação Oral e Escrita realizada em uma ONG, localizada na cidade do Rio de Janeiro, um dos desafios é o incentivo à prática de se atualizar, lendo notícias e as compartilhando em sala. Essa iniciativa é realizada com o objetivo, além da informação, de exercitar o senso crítico, o desenvolvimento da leitura e a prática de busca por diversos sites, já que precisam de notícias verídicas, sem espaço para *fake news*.

No início a adesão é bem tímida. Alguns com vergonha de realizar a leitura, outros um pouco perdidos em relação a qual matéria escolher, mas como a prática ocorre uma vez por semana, com o passar dos dias, é interessante acompanhar o processo de interesse e adesão à proposta.

Quando estão em casa ou em outro espaço com acesso ao Wi-Fi, os jovens pesquisam as matérias, geralmente *printam* a tela do celular e as leem antes, buscando procurar no dicionário as palavras que não estão muito acostumados, além de siglas desconhecidas ou personagens da notícia escolhida que fogem aos seus cotidianos.

Como a atividade é realizada toda sexta feira, muitos têm o costume de garimpar as notícias a fim de que ninguém leve a mesma e a sua perca a graça ao ser lida. Mas quando o mesmo ocorre, toma-se o cuidado de separar em partes a matéria para que todos que a levaram possam participar da leitura e da conversa.

Outra preocupação são as *fake news*. Há um compartilhamento entre os jovens de sites seguros para acesso, além do estímulo a cruzar fontes e usar o senso crítico mesmo nas notícias publicadas por fontes consideradas seguras.

Através do momento de leitura, muitas outras leituras são realizadas. As notícias permitem questões e assuntos que permeiam até os movimentos sociais atuais. Muitas vezes, através desse momento os alunos entendem melhor alguns movimentos e se sentem pertencentes a eles.

As notícias relacionadas a questões raciais, de gênero, de partidos políticos são as que os jovens mais gostam de comentar. É perceptível que durante o passar dos meses, à medida que essas notícias surgem, os posicionamentos e as questões realizadas por eles tomam forma e novas perspectivas são criadas. Há uma propriedade e uma postura de pertencimento ao movimento social a que a notícia se refere, o que nos faz pensar que esse tipo de atividade é uma potência para o início do entendimento acerca de questões sociais, questões essas que, assim como as notícias trazidas, não possuem um padrão de surgimento já que em cada momento há um destaque para umas e não outras. O que é compreensível, em se tratando desse tipo de rede, segundo Alves (2019), “têm momentos de atuação e criação visíveis e momentos de desaparecimento”.

A partir de uma atividade realizada antes do início da apresentação do conteúdo que será visto no dia, o artefato é ressignificado. O celular não substituiu o caderno. Muitos cotidianos

escolares ainda não permitem e não incorporam a sua utilização em alguma parte do planejamento. É sabido que ainda se precisa orientar os jovens em relação ao momento adequado de utilizá-lo, no sentido de estar relacionado à proposta realizada, assim como qualquer outro artefato que esteja naquele espaço, mas é importante para o futuro e para o momento em que estamos hoje, entender e usufruir da potência desse artefato.

Uma das jovens do projeto mencionou, sobre a atividade, que a professora conseguiu fazer com que o grupo usasse o celular de uma maneira que não tinham pensando antes. O que nos leva à reflexão: Talvez esse seja o novo papel do professor: ser um mediador, de olho no futuro.

Sobre o autor:

Thamy Lobo, Mestranda em Educação pela UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduanda em Pedagogia pela UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduada em Letras pela Universidade da Cidade. Revisora e Docente na Associação Beneficente São Martinho. E-mail: thamy.lobos@hotmail.com

Referências:

Alves, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. S. Paulo: Cortez, 2019 (no prelo; ainda sem páginas)